

ALFRIED LÄNGLE

A vivência-do-ser como chave da experiência-de-sentido

Nas anotações em forma de diário de Luise Rinser encontramos a seguinte passagem: “Obrigo-me a viver ‘aqui e agora’”. *Esta é a hora; este, o lugar.* Com isto aprendo muita coisa. E aprendo de saída o que é mais difícil. Ponho-me a caminhar, por exemplo, ao entardecer, pela Via della Croce, quando todas as pessoas se encontram na rua. Ela já é de si bastante estreita, não possui calçadas e para todo o lado há carros estacionados. Só com muita dificuldade se consegue prosseguir na caminhada. Pessoas batem na gente com bolsas de mão. Automóveis buzinando atordoam nossos ouvidos. No meio da rua, numa esquina, três senhoras, vestidas a rigor da moda, tagarelam e obstruem a passagem, sem maiores preocupações. Eu estou nervosa. Lembro-me, então de Kohelet. Também *isto* aqui é vida. Digo-o a mim mesma e acrescento: “Agarra-a, contempla-a, deixa que penetre completamente em teu íntimo, mistura-te com ela e experimenta como é maravilhoso estar em meio à vida. Tu vives agora. Quem sabe quanto tempo ainda te resta?”

É uma fórmula mágica. Tudo passa a ter sentido, tudo me diz respeito, tudo me pertence, eu amo tudo isto, porque é vida (...). Aceita-a, introduze-te nela, faze-te parte dela.

Deste modo dia após dia vou aprendendo algo novo. Não aprendo apenas o que parece fácil, como segurar na mão o instante belo e indolor, mas também o instante que se me apresenta inadequado, desagradável, doloroso. Viver aqui e agora – ou sequer

viver" (Luise Rinser, *Baustelle, Eine Art Tagebuch*, 1967-1970, p. 28 e 29).

Muitas referências feitas nesta contribuição foram condensadas nesta passagem do diário de Luise Rinser. A questão que pode ser aqui formulada é esta: Por que acontecimentos assim corriqueiros do dia-a-dia podem ser o "lugar de construção" de minha vida e como é que eles têm "significado" para a minha vida? Que papel me assinala a vida, de que modo me encontro nela? O ponto de partida aqui é, em outras palavras, a fenomenologia do ser, do meu estar-aí (*Da-sein*) e do meu estar-consciente (*Bewusst-sein*). Assim como Rinser reflete sobre o minuto concreto, chegarei eu à constatação do "aqui e agora", aquilo que é, em contraste com a representação paralisante daquilo que poderia ser diferente. Começo a discernir valores através do "deixar-ser". A vista está desimpedida para a relação que se oferece entre mim e as coisas. Isto poderá causar-me *assombro*, compelindo-me a agir em atitude de disponibilidade para o sentido incondicional, não feito por mim. Assim, esta contribuição estende-se da experiência não-direcionada do meu horizonte de existência até a vivência concreta de sentido, orientada pelos valores. Assim compreendida, a possibilidade (e a vontade) de sentido já se faz presente na essência do nosso existir. Necessita, no entanto, inelutavelmente, de nossa decisão, de nossa anuência voluntária.

A SITUAÇÃO EXTREMA

Se para alguém esta questão se afigurar demasiado teórica e aparentemente destituída de importância, seria lícito supor que esteja passando muito bem (de conformidade com a consideração de que perguntar pelo sentido é sinal de já tê-lo perdido).

No entanto, imagine-se uma situação que, por certo, já se terá experimentado, individualmente ou em comum com outros, em que alguém se encontra na maré baixa da depressão, no fundo do vale, onde "tudo deixou de ter sentido", onde "simplesmente não mais se deseja o que quer que seja", onde tudo lhe é indiferente. Alguém nesta situação não vislumbra motivo suficiente para posicionar-se ante seus problemas, transformá-los em tarefas, tornar-se ativo. Não possui meta para alcançar, sente-se abatido e extenuado. Tornou-se joguete de forças indefiníveis, inteiramente passivo, transforma-se em estranho de tanto ser empurrado por forças estranhas. Chegou o momento em que quer acabar com isso...! Acuada como se encontra, só lhe resta o suicídio.

O que sobra a um homem nessa solidão e aflição, na qual lhe foi tirado tudo o que possui valor?

Nesta crise profunda, seria inútil conversar com ele sobre o sentido. Terá ele uma reação alérgica ou, cansado, rejeitará essa possibilidade de sentido, dizendo: "Não há mais sentido para mim." Talvez poderíamos conversar com ele sobre o sentido que percebia anteriormente, quando ainda existia para ele (o que ele expressa ao usar "mais"). Porém neste ponto muitos negam até esse sentido do passado, só vêem um vazio ao redor deles, afastaram-se de tudo, não há mais apoio para se levantar. A agressão e desespero se acumulam interiormente. Encontram-se na escuridão, desamparados.

Quando não se vê um sentido, resta apenas a mera *existência*. Porém, existir por existir é insuportável.

Poderia a logoterapia ajudar nesse caso? Poderia ela ajudar a encontrar novamente um sentido e vivenciá-lo? Por onde começar?

A ÚNICA AJUDA REAL

Face a uma situação assim desesperadora, o que se pode fazer é estar presente junto a quem a sofre, ouvi-lo, prestar-lhe atenção, silenciar com ele e, quem sabe, solidariamente compartilhar a tristeza (veja Frankl, 1969, pág. 94), que ele não consegue suportar sozinho. O surgimento da *tristeza* é sinal de que muitíssimo se progrediu: o homem começa a encontrar-se. Pressente valores.

O que fazer, no entanto, se a agressividade não ceder? Como proceder se a resignação, o cansaço e o desespero tiverem endurecido o homem a ponto de ele acreditar que somente encontrará alívio através de extravasamento de mais agressividade e, finalmente, numa agressão definitiva contra si mesmo?

Um homem nestas condições não pode ser abandonado a si mesmo. Vejo-o aqui presente, sabendo ele, talvez, com suficiente clareza, como e por que tudo isso ocorreu. Poderá ele entender os "mecanismos", mas está simplesmente incapacitado de ainda crer que em sua existência, em sua vida, haja um "PARA QUÊ", algo para o que simplesmente seja bom viver, qualquer que seja a fonte motivadora.

Como logoterapeuta posso até intervir de modo específico nessa situação de completa limitação, colocando-me em sintonia com o paciente e admitindo o seu estado de infortúnio. A logoterapia mostra-nos que os *valores* podem ser *realizados* somente no aqui e agora, sendo relevante aceitar o desafio da situação e o

fato de sempre nos encontrarmos num instante concreto, com um desafio concreto, face ao qual terei de manter-me aberto, porque nele vislumbro o valor que desejaria realizar e pelo qual quereria viver.

Precisamos admitir que, diante desse pesado ônus existencial citado anteriormente, esse pensamento logoterápico não constitui uma solução direta. O paciente provavelmente não teria condições de aceitá-la.

Uma coisa, contudo, permanece fenomenologicamente clara: se pretendermos, o paciente e eu, retornar à vida, imprescindível se faz encontrarmos, antes de tudo, um sentido para viver. A vida há de ter, novamente, valor para ele. O valor ele já não o encontra. Comunicar-se comigo agora, neste momento, e permitir que eu participe de sua crise, é o máximo que ele consegue externar! Talvez estará a pensar ou a dizer: se agora não pode ser encontrado nenhum valor, se este nosso encontro não possui valor, onde poderei eu "procurá-lo"?

O MÉTODO

Ele me entrega o que ainda lhe resta e em que de algum modo ainda acredita: dirige-me a palavra, comunica-se comigo, *entende valer a pena* adiar a hora da sua morte. Possui um fundamento e, pois, motivação de tentar uma ultrapassagem de si mesmo e de sua situação.

Procuro, assim, viver com ele o *primeiro valor*, sem perder de vista o aqui e agora com que, por nossa *conditio humana*, invariavelmente nos deparamos. Tento evitar tudo que foi e que poderia ser. Concentro-me sobre ele aqui, sobre o que agora diz e peço-lhe que faça o mesmo. Deixemos todo o resto de lado. Só existem ele, que a mim se confiou, e eu, que aqui me encontro, neste momento, exclusivamente para ele. Tornar-nos conscientes do existirmos-um-para-o-outro, aqui, ambos, agora. O que nos reuniu é o problema, o que nos liga é a existência comum, a "situação-de-nós" (Willi, 1980), o sim dito a esta situação por nós ambos, a disponibilidade para o tu (Marcel, 1954, pág. 77), o doar-se um ao outro, a confiança gratuita, a perseverança. Implica isto em aceitar a condição humana, notadamente o estarmos ambos ligados ao aqui e agora, ao desafio do momento, o ter-me ele escolhido e precisar de mim, o aceitar eu o desafio, o colocar-me incondicionalmente em

disponibilidade (Heidegger, 1979, pág. 122) e com ele fazer a experiência de sentido.

A VIVÊNCIA-DO-SER

Atentemos mais uma vez para a situação comentada. O que foi que aconteceu?

Duas pessoas se encontram. Uma delas está desesperada, passiva, inerte. Rejeita toda a responsabilidade, encontra-se de todo impossibilitada de experimentar alegria, não tem mais vontade de viver, não vendo, tampouco, esperança alguma. E, assim sendo, não acredita em ajuda que lhe possa valer.

E contudo se manifesta através da palavra.

Temos aí um "doente existencial", disposto, precisamente agora, a justificar a separação intencional deste existir sem utilidade. Ele já não *existe* no verdadeiro sentido do termo.

Esta pessoa, no entanto, se depara com quem se prontifica a assumir responsabilidade e propiciar espaço para a esperança. Este ser humano está presente, em meio à vida, e agora se torna disponível para o doente existencial, com o qual entra a relacionar-se. Acontece uma troca, em que se procura um distanciamento das causas e situações geradoras da doença, através da atenção centrada naquilo que *agora se faz presente* e o que entre o paciente e a outra pessoa irá dar-se. Trata-se de um relacionamento com base no aqui e agora, ilimitado quanto à duração e descondicionado. Tem por objeto a comum *tarefa* de compreender aqui e agora a aflição impediante, sem indagações sobre alguma utilidade que dela possa advir. Dirige-se a atenção para o fato de "ser-aceito", de que alguém aí está, sem perguntar quem será amanhã ou por que ninguém se apresentou no dia de ontem. Apenas interessa concentrar-se em cima do fato de que alguém se comunica e *quer* comunicar-se, e assim procedendo se torna *presente*, aceitando o *estar-aqui* do ouvinte. E a atenção vai se ocupando com tudo aquilo que *está* aí, incluindo os interlocutores.

O que sucede nestas circunstâncias nada tem a ver com o fato intelectual. Desviando a atenção de tudo que é dispersivo para aquilo que aqui e agora é e acontece, cria-se um espaço resguardado, no qual se acolhe sobretudo o essencial. A visão e o reconhecimento são mais nítidos, sente-se e experimenta-se mais, porque não há desvio de atenção e se abre o espaço necessário para tais sentimentos. Libertando-nos de variadas circunstâncias,

possibilitamos que surja o "instantâneo". Decidimo-nos por nós, damos as boas-vindas ao nosso ser, vivenciamos e experimentamos o valor do nosso ser. Às vezes, como ocorre na situação atrás referida de uma pessoa existencialmente enferma, é imprescindível a ajuda de alguém, sendo necessária a experiência do ser sadio de uma outra pessoa, para que volte a consolidar-se a esperança perdida.

O SIGNIFICADO DA EXPERIÊNCIA-DO-SER

Foi objeto dos comentários anteriores a "experiência do ser". A experiência do ser coloca-me na base da existência, constitui seguro apoio para os passos do meu estar-aí, que de outro modo se desvaneceriam no nada. Percebo a *idéia-matriz*, em que toda a vida humana se enfaça:

"EU SOU, E O FATO DE EU SER POR SI MESMO JÁ É BOM".*

Tais vivências sempre são, ao mesmo tempo, experimentadas como "belas". A *idéia* da harmonia nelas se manifesta.

Experiências-do-ser, de modo algum, ficam circunscritas à situação antes comentada. Ao contrário, constitui esta, felizmente, a grande exceção e, por certo, o meio mais laborioso de se ter com alguém uma experiência-do-ser. Experiências-do-ser podem processar-se sem a participação de outrem com idêntica oportunidade. Ocorrem, por exemplo, quando alguém, tranqüilo e descontraído (desligado de preocupações) deambula por um prado e contempla as flores, o pôr ou nascer do sol. Experiências-do-ser são, na arte, talvez aquilo que faz de algo uma obra de arte: a intermediação dessa vivência. Quem se encontra, por exemplo, absorto numa realização musical, ou contemplando um quadro, tem uma certa sensação de "encantamento", sente-se mais intensamente participativo e talvez se imagine co-autor da obra.

A experiência-do-ser é experiência básica no *amor*. Anseia pela mera presença do ser amado. O próprio ser-aí é vivenciado tanto na separação quanto na união.

* G. Marcel (1977, pág. 44) vê indissolúvel vínculo entre ser e valor. Mais longe do que ele viu Tomás de Aquino ao declarar: "... para cada coisa ser e ser bom vale o mesmo" (cit. Pieper, 1967, pág. 12).

A experiência-do-ser se torna impossível sempre que haja uma tentativa de possuir algo, de pretender apossar-se de alguma coisa. Caracteriza-se pelo deixar-ser! Todo desejo de posse resulta em perda para o ser em relação à coisa desejada. Nessa perspectiva, sou apenas na medida em que possuo muitas coisas. O ser tem um valor em si mesmo; a posse o tem através do objeto possuído.

A EXPERIÊNCIA-DO-SER COMO VALOR FUNDAMENTAL

Pela experiência-do-ser o homem se torna, conforme vimos, consciente de valor que ele próprio é, pelo fato de seu mero ser, mas que ele não apenas conhece, mas também experimenta, apreende, sente. Ser homem significa possuir valor enquanto se vive, independentemente de capacidades, posição social, utilidade, qualidade, saúde, percalços! A dignidade humana se funda no seu ser, no que ele é, não no que ele tem! Seu ser é o primeiro valor, o valor fundamental. O homem é valor, conforme diz Frankl.

Parece-me importante se dê novo realce a esta realidade numa época de recessão e desemprego como a nossa. Assim como em tempos idos, o desempregado de hoje se sente uma pessoa inútil em seu limitado círculo de atividade e, em consequência disso, erroneamente se considera sem valor (veja Frankl, 1933). Contudo, contrariamente ao que sucedia no passado, ninguém hoje se vê ameaçado de morrer de fome. Funcionam as agências de socorro aos necessitados, mantidas pela rede de bem-estar social. Todavia, a perda de bens adquiridos, a desistência forçada de objetos cobiçados, a limitação das possibilidades de diversão e da compra de bens que dão prestígio, tudo isso, apesar do recebimento assegurado do mínimo necessário à subsistência, gera sofrimento, ao qual se acrescenta a sensação dolorosa de o sujeito se ver despojado de seu valor pela sociedade do ter e do consumo.

Volvamos à experiência-do-ser! – "Eu sou – e o fato de eu ser, por si mesmo, já é bom".

Na vivência desta realidade se situa o valor fundamental, anteposto a todos os valores perceptíveis (porém não incondicionalmente anteposto aos valores estabelecidos, por exemplo, os valores da fé). Com o valor fundamental se relaciona de algum modo todo outro valor, conforme adiante veremos.

O valor fundamental não é simplesmente produto do pensamento ou intelectivamente apreendido. Pode ser *experimentado*

através de todas as possibilidades de vivência, o que de longe ultrapassa toda possibilidade de expressão verbal. "Eu sou, e isto é bom". Percebe-se rapidamente numa outra pessoa, se, por si mesma, tenha experimentado esse princípio. Não se consegue aceitar serem tantas as pessoas acometidas pela "doença do ser"!

Por tudo quanto o homem faz recebe ele mensagem de retorno. De ambas as *informações*: daquilo que faço e do efeito que disso advém, inclusive sobre mim mesmo, recebo elementos decisivos para a imagem do meu mundo e de minha auto-imagem. Contudo, quereria a esta altura esclarecer apenas que tais informações contêm mais do que estritamente isso. O conteúdo informativo completo encerra igualmente esta notícia: "Eu sou". Vale dizer que, por força do meu ser, sou capaz de agir e através do meu ser posso receber mensagens de retorno.

AS TRÊS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA-DO-SER

Primeira dimensão: A situação do meu ser-af.

As referências até aqui feitas à experiência-do-ser dizem respeito à dimensão estática da situação, que nos permite ficarmos inteiramente conosco mesmos, que deixa as coisas como são, que permite o relacionamento com as coisas e as pessoas da maneira como invariavelmente se apresentam. Deparo-me com a facticidade do ser-assim, renunciando a todas as cogitações sobre a possibilidade de serem deste ou daquele modo e como seriam se diferentes fossem. É uma situação de repouso, em que me concentro no aqui e agora, "des-ligando-me" de tudo, "des-condicionando-me". Limito-me ao "deixar-acontecer".

Segunda dimensão: A dinâmica do "eu"

A experiência-do-ser possui uma grande dimensão, a do eu, o qual afirma que é: "Eu sou". O que nesta segunda dimensão se faz consciente, o que é conscientemente experimentado, é o fato de a este ser se amoldar um "eu": experimento a mim mesmo como sendo! Muita coisa se oculta nesse reconhecer-e-vivenciar. Nele se funda o ser-pessoa, cujas primeiras manifestações remontam à fase de obstinação da criança. Esse eu pode dizer "não". Esse eu percebe a si mesmo, apreende-se como ser pensante. Esse eu conhece, independentemente de interferências estranhas, que é ele mesmo

que possui capacidade para direcionar a concentração do seu pensamento sobre algo, que pode ocupar-se de algo, assim como pode agir de modo completamente diverso. Esse eu se apreende como centro de ação (Scheler, 1978, pág. 38), ao qual é próprio um ser. Apreende o ser como algo que lhe foi *dado*, que agora lhe é posto à disposição, que sempre é, enquanto o respectivo sujeito viver. Surge uma bipolaridade na própria essência, um homem em posição ereta face ao mundo: o situar-se não-estruturado do puro ser recebeu uma cabeça. À experiência estática da situação acrescenta-se a de uma possibilidade ativa, *dinâmica*. Na pessoa recebe o ser um centro de operação e experiência, que *se estende para além do ser*, porque torna possível o oposto do ser, o não-ser (Sartre acredita devidamente que o ser somente se torna cognoscível pela possibilidade do nada – Veja "L'être et le néant", pág. 57).

Esse eu que aí está se vê colocado num mundo, sem o qual de modo algum poderia existir. Aqui de novo me encontro como "estando-no-mundo" (Heidegger, 1979, pág. 53). *Estou* neste mundo de circunstâncias e relações (a primeira dimensão da experiência do ser) e num mundo em que, de forma primordial, me encontro *atuando* como causa, agente transformador, criador de um mundo. Naturalmente, estou também num mundo em devir e transitório, de desarraigamento e de coisas que me dizem respeito. Mas disso trataremos mais tarde, na terceira dimensão do "estar-exposto".

A transcendência do ser-af

Neste ponto de nossas reflexões é decisivo termos em mira o "estar-no-mundo". Na primeira dimensão da experiência do ser e na dimensão em que experimento a situação (*Zuständlichkeit*) do ser-af, percebo as relações pelas quais o meu ser adquire o caráter do *ser-af*. Com isto meu ser, que para mim seria de todo impensável se não fosse um ser-no-mundo, uma vez que sempre é uma relação como "categoria da essência" (Buber, 1977, pág. 36), é *constituído* por uma trama de relações, por estar comprometido (*Bezogensein*). O reconhecimento de que o meu ser-af de forma primordial é relacionamento, "ser escolhido e escolher, paixão e ação, simultaneamente" (*idem*, pág. 18), conduz da experiência da situação a ambas as dimensões do agir e do estar exposto.

No entanto, só estarei efetivamente "af" quando me tornar consciente do segundo pólo, do "eu". Sou centro de ação no mundo, porquanto apenas através do desempenho de atividade me encontro

efetivamente “af”, me faço presente. Só quando “concentro todas as minhas energias sobre algo, eu vivo de maneira a mais completa” (Marcel, 1978, pág. 162).

Aparentemente a experiência do ser me havia deslocado de tudo o que há em torno de mim para uma situação flutuante, de ter em conta unicamente meu-próprio-ser. No entanto, um exame acurado a partir da existência revela que já ali existe, de forma latente, um “estar-no-mundo”. Estar-no-mundo é a constituição fundamental do ser-af (Heidegger, 1979, p. 54 e 176). “Ao voltar-se para... e perceber, o estar-af não ressaí de uma esfera interna em que se encontrava anteriormente encapsulada. De conformidade com o seu modo de ser primário, desde sempre se situa ‘fora’, num ser que vem ao encontro do mundo já descoberto” (*idem*, pág. 62).

Esse “estar-no-mundo” de Heidegger é aquilo que Frankl designa como “autotranscendência”. O próprio Heidegger o confirmou por ocasião de uma visita feita a Frankl (comunicação pessoal do Prof. Frankl).

“O modo primário do estar-no-mundo, segundo Heidegger, é o ‘reconhecimento do mundo’ (*voeren*), ou seja, o interpelar e o debater o ‘mundo’ (*logos*)” (*idem*, pág. 59). Foi exatamente isso que fizemos até aqui neste trabalho: ensaiamos o reconhecimento do mundo através do reconhecimento do ‘comprometimento’ (*Eingebundenheit*) e realizamos a interpelação do mundo através de um eu que se apreende como centro de ação no mundo. Apreendo-me com isso como direcionado, pela essência do meu ser-af, para o mundo em que me encontro. Sou essencialmente aberto a outro ser e essencialmente a depender de outros seres. Eu sou, enquanto não me puser “a mercê de mim mesmo” (Heidegger, *idem*, pág. 175 e seguintes), no reconhecimento e interpelação de outro ser que “se encontra” com o meu ser. Ou, como Frankl diz: “Vamos ater-nos a isto: somente a existência que se transcende a si mesma, somente um ser-af humano que se transcende com relação ao ‘mundo em que se encontra’ poderá realizar-se a si mesmo. No entanto, buscando-se a si mesmo, com vistas à auto-realização, estaria de todo equivocado” (Frankl, 1982, pág. 77. Veja também Marcel, 1978, p. 162-171).

M. Buber o diz formalmente: “O homem se torna eu no tu” (1977, pág. 37), e Jaspers (1941, pág. 19) opina: “O homem não é um ser bastante a si mesmo, encerrado em si, mas, aquilo que o homem é, ele o é pela causa que fez sua própria” (veja também Scheler, 1978, p. 89 e 93; Jaspers, 1965, pág. 54).

Terceira dimensão: o “estar-exposto” na existência

Mais uma terceira dimensão da experiência do ser pode ser viabilizada. “Eu sou” – o eu desta vez não é um centro de ação, mas um centro de entrega, de “paixão” (Buber, 1977, pág. 18), ao qual, pela existência, algo, acontece, ao qual algo “diz respeito”.

É aquela forma da experiência do ser que é percebida entre o devir e o passado, que faz a experiência do inevitável e do estar-exposto. Releva lembrar aqui o sofrimento e os golpes do destino que me surpreendem. Mas igualmente me acontecem os eventos de exultação, nos quais a alegria me empolga e por vezes o êxito me satisfaz. Tudo isto nos é propiciado de tal modo que, embora ocorra sob influência nossa, ocorre isento da dominação de outrem. Na perplexidade (*Betroffensein*) o comportamento não raro torna-se inseguro, quando o sofrimento me atinge, mas pode também envolver uma grande alegria. O pólo positivo, assim como o negativo, desta dimensão projeta-me numa forma de êxtase, de extroversão, de “estar-fora-de-mim”. Aponta isto para o íntimo e vital parentesco entre alegria e sofrimento. O fato de algumas pessoas na realidade se fecharem à alegria e ao sofrimento relaciona-se com a experiência do êxtase. Temem elas se exporem, perderem a intimidade, o que envolveria perda do seu eu (*Selbst*). O seu eu restringe-se à segunda dimensão.

A experiência dessa dimensão é tão antiga quanto a consciência da humanidade. Encontra-se sedimentada nas religiões primitivas, nas conjurações do destino, na superstição.

Entre os pólos extremos dessa dimensão, a alegria e o sofrimento, há uma extensa zona de manifestações que passa despercebida em seu significado existencial por causa da sua trivialidade. Para constatá-lo basta considerarmos a quantas coisas estamos diariamente expostos e o que todos os dias, ou uma única vez, nos sucede, nos diz respeito!

Desta dimensão da vivência do ser emana a importante capacidade de admirar-se, que amplia o nosso ser-af (nossa existência) por uma dimensão a mais.

O espaço existencial tridimensional

Quem alguma vez tenha indagado da razão de ser da sua vida, continua vivo somente porque fundamentalmente percebe o ser-af como um valor. Esse valor fundamental do ser-af pode ser ex-

perimentado mediante a concentração sobre o aqui e agora. A tranquilidade intensifica tal vivência: "Eu sou – e é bom que eu seja". Desta experiência do ser da situação (*Zuständlichkeit*), em que sinto o valor do meu ser, recebo aquela *energia*, que me torna capaz de ação (e não apenas preparado para reagir) e capaz de vivências (e não apenas preparado para perceber).

Tal experiência fundamental somente é viável em vista de outro ser, em relação ao qual sempre me encontro posicionado e com o qual estou essencialmente comprometido. Assim como não posso imaginar-me não-existente, também não existo sem outro ser, do nascimento à morte, aqui e agora. Conscientizando-me da presença de um "eu", a cujo alcance foi colocado um ser disponível, sobre o qual possa tomar decisões, experimento-me como *centro de ação* no meu mundo, como "pessoa" que só se encontra realmente "af", se fizer uso do atributo da capacidade de agir.

Esse homem, que se ergue da situação para a posição de pessoa, se encontra a todo tempo e em toda a parte *exposto*. Atingem-no o ser de outrem e os eventos "casuais". Está nu em seu ser-af.

Cada uma destas três dimensões da experiência do ser aponta para além do *ponto de intersecção das dimensões do eu* em direção ao "estar-no-mundo". Longe de constituir algo que simplesmente se soma ao meu ser-af, o "estar-no-mundo" constitui uma característica essencial do meu ser-af.

Eu sou, porque me direciono para o estar-no-mundo e somente através do estar-no-mundo percebo que sou. É no modo e na intensidade em que me encontro nas referidas dimensões e em que estou-presente no mundo que percebo *quem* eu sou. "Quanto mais eu sou, quanto mais me afirmo como sendo, tanto menos me projeto como autônomo. E tanto menos relevante se afigura (o meu ser) como autovalorização" (Marcel, 1954, pág. 143. Veja também p. 118 e 134). Meu ser-af é por essência "centrífugo", é *essencialmente transcendente*.

Na vivência, estas três dimensões são percebidas na realidade subjetiva de "estar-relacionado-com", de "poder agir" e de "estar-exposto". Para a decisão de aceitar estas dimensões vale dizer-se: "ser e deixar", "agir", "aceitar e admirar-se".

A necessidade da decisão

Estas noções, relativamente ao comportamento, apontam "possibilidades emergentes do fundo da realidade" (citação de Frankl recolhida em conversa pessoal sobre o sentido): a essência do homem com as três dimensões é a realidade, que é oferecida independentemente de nossa decisão. Para esta possibilidade posso (pela dimensão do eu como centro de ação) dizer "não" a cada uma das dimensões e ao ser, através do suicídio. E, ainda, quando não quero "deixar de ser". Neste caso deformo a realidade, fujo para o mundo de sonhos da droga, do álcool, da doença, da neurose. Posso dizer "não" ao entrelaçamento do mundo com o meu agir, abandonando-me ao plano inclinado da dependência, resignando-me a um papel passivo, no qual me eximo de toda responsabilidade, permitindo que os anseios de ter se apoderem de mim, ou tolerando que outros dominem a minha vontade. Posso dizer "não" ao "estar-exposto", quando procuro, com imediatismo de meios, amenizar os meus sofrimentos, quando exijo da vida, como se fora um direito indiscutível, tudo o que ela me possa proporcionar, perdendo, com isso, minha capacidade de admiração, enclausurando-me em mim mesmo, ao invés de abrir-me, e quando, em meu desespero, me entrego à autocomiseração.

Possibilidades são caminhos direcionados para um fim ainda não convertido em realidade. O caminho, porém, é real. A vida é grávida de possibilidades, vale dizer que a vida se vincula com decisões, a fim de que as possibilidades possam emergir realidades.

Assim sendo, posso posicionar-me de modo diferente diante desta dimensionalidade existencial. Posso dizer *sim* a ela e posso, ao longo das dimensões, extrapolar de mim mesmo e, embora consciente de mim mesmo, apagar-me numa vivência, esquecer-me a serviço de uma causa e assim perceber-me renovado e constantemente rejuvenescido, mais profundo, mais enriquecido do que jamais antes fora. Deveras, é isso que corresponde à minha essência. O meu ser-af se encontra *orientado* para o seu original fundamento e, ao invés de sê-lo por distrações vazias e satisfação de necessidades, é sustentada por alegria e realização, não devendo a pessoa capitular diante dos sofrimentos, pois reconhece no "como" enfrentá-los a direção daquele caminho que leva ao seu próprio eu.

É neste horizonte que se descortina a noção do "sentido" (*Sinn*), derivado do baixo-alemão erudito "sinnan" (Kluge, 1975). Surpreendentemente, "sinnan" significa ainda viajar, ambicionar, andar e pode ser retrçado ao vocabulário pré-germânico *sentno*

(enviar?). O radical *sent* tem na palavra latina *sentire* o significado originário de "seguir numa direção". A partir dessa acepção desenvolveu-se o significado latino de "sentir", que, pela relação exposta, se torna inteligível: direcionando-me eu no meu ser-af, nas minhas decisões, nas minhas ações, chegarei a uma realidade que prioritariamente é "percebida" e que é "sentida" pela totalidade do ser.

A experiência-de-sentido

Partimos da vivência do ser. Representa ela uma última realidade de natureza geral, que nessa experiência se torna consciente. É uma realidade inteiramente não-direcionada, com absoluta abertura.

A direção que imprimo à minha vida emerge das decisões para valores que torno realidade. *Valor* posso eu encontrar, de modo geral, em cada possibilidade capaz de fazer do meu ser um ser-af, onde efetivamente sou e sou através da ação.

Sem dúvida nenhuma, a própria existência, "de modo normal", representa um valor: "É bom que eu seja". Para viver efetivamente esse valor na ação, a logoterapia apresenta *três categorias*, a que se reduzem todas as possibilidades de experiência de valor:

"E não é tão-só o trabalhar (correspondente à capacidade de ação) que dá sentido ao ser-af – falarei nesse caso da realização de *valores criativos* –, nem apenas a vivência (correspondente à capacidade de prazer), o encontro e o amor podem dar sentido à vida – falo então de *valores vivenciais* – mas também o sofrimento. Todavia, a capacidade de sofrimento, em última análise, nada mais é do que a capacidade de realizar aquilo que designo por *valores de atitude* (Frankl, 1975, pág. 77, destaque do autor da citação).

Desta maneira realizo a minha essência, realizando o meu eu. Cada realização de valores, por isso mesmo, possui um *sentido*. "Sinnan" significa viajar, seguir um rumo, por um caminho, que é para mim um valor. O sentido jamais é uma realidade estática. Nunca é válido para todos, nem definitivo. Sentido sempre é algo a realizar, algo dinâmico, vinculado ao momento, ao aqui e agora. É a imagem que desliza ao longo da viagem, a música, a desvanecer-se no momento subsequente. Talvez tenhamos hoje maior dificuldade na apreensão do sentido, graças à possibilidade de se perenizarem as imagens em fotos, discos, fitas, ao passo que o sentido não permite ser cristalizado. Jamais poderei possuir e conservar sentido de uma

vez por todas. Ninguém poderá dizer: "Encontrei o sentido. Ele é assim e assim!"

Vivenciar sentido envolve um engajamento, um compromisso. Sua reunião e fusão na essência total nunca poderá acontecer através de mim e, contudo, nunca sem mim" (Buber, 1977, pág. 18). Sem uma referência a mim mesmo nada se torna valor, nem sentido. "Onde não existe participação não há realidade" (Buber, 1977, pág. 76). O sentido invariavelmente tem por pressuposto a minha inserção em algo por que eu me deixe atrair. É a mim que isso diz respeito. Importa que me deixe atrair por um valor concreto de vivência, de ação, de atitude, o qual aprovo graças à compreensão do meu ser-af.

Sentido é realização do meu eu e essencialmente ainda mais: sentido é a realização do eu através da construção de um mundo.

BIBLIOGRAFIA

- BUBER, M., Ich und Du. Heidelberg: Schneider, 1977.
- FRANKL, V., Wirtschaftskrise und Seelenleben vom Standpunkt des Jugendberaters. Seelenärztliche Rundschau 43, 1933. The Will to Meaning. New York: New American Library, 1969. Der Mensch auf der Suche nach Sinn. Freiburg: Herder, 1975. Der Mensch vor der Frage nach Sinn. München: Piper, 1982.
- HEIDEGGER, M., Sein und Zeit. Tübingen: Niemeyer, 1979.
- JASPERS, K., Über meine Philosophie. Logos 24, 1941. Wiederabdruck in: Wahrheit und Leben, Berlin, Deutsche Buchgemeinschaft, Ed. Ohne Jahr. Kleine Schule des Philosophischen Denkens. Zürich: Ex libris, 1965.
- KLUGE, F., Etymologisches Wörterbuch. Berlin: de Gruyter, 1975.
- MARCEL, G., Sein und Haben. Paderborn: Schöningh, 1954. Mystery of Being. Vol. I. South Bend (Ind.): Gateway Ed., 1978. Mystery of Being. Vol. II. South Bend (Ind.): Regnery/Gateway, Ed., 1979.
- MASLOW, A., Die Psychologie des Seins. München: Kindler, 1981.
- PIEPER, J., Hinführung zu Thomas von Aquin. Freiburg: Herder, 1967.

RINSER, L., Baustelle. Eine Art Tagebuch 1967-1970. Frankfurt/M.: Fischer TB Band 1820, 1981.

SARTRE, J.P., L'être et le néant. Paris: Gallimard (1943), 1982.

SCHULER, M., Die Stellung des Menschen im Kosmos. Bern: Francke 1978.

WILLI, J., Vortrag am 23.4.1980, Lindau, Psychotherapiewochen.